CHAMA

DIRECTOR ★ A.Q.G. LEITE DE CASTRO
CHEFE DE REDACÇÃO ★ A.C.C. JOÃO MANOEL O. MARTINHO
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO ★ C. E. 2 (LICEU DA COVILHÃ)
1 DE OUTUBRO DE 1962
Composto e impresso na Tipografia do «Jornal do Fundão» — FUNDÃO

Mesma fé: Mesmo ideal:

ROTA PARA A NOSSA ACÇÃO NESTE 3.º ANO

"Chama" nasceu há dois anos e graças a Deus continua e continuará, sempre com a mesma orientação e em obediência à mesma finalidade — Servir o Centro Escolar n.º 2 da Ala da Covilhã.

Enganaram-se, felizmente, os derrotistas que ao nosso jornal não davam mais de poucos meses de vida, e hoje, ao olharmos a obra feita, incompleta aqui, com falhas acolá, porque humana e como tal falível, temos razão para nos sentirmos satisfeitos. É que para além de tudo, há nas páginas da "Chama" dedicação, amor, manifesta vontade de bem Servir.

Ao apoio que desde a primeira hora nos deu o Director do Centro, à colaboração que vai até ao sacrifício do Corpo Redactorial se deve tudo o que se fez.

Talvez se note em alguns, pouco interesse e que não sintam, verdadeiramente, a "Chama", como coisa sua. Temos pena, mas reconhecendo que a culpa não é nossa, ficamos de paz com a consciência e nada nos desviará da rota traçada.

Estamos, plenamente, conscientes da gravidade da hora presente. Sabemos bem que a Nação luta a sua mais dura e mais bela batalha. Não ignoramos quem é e onde se esconde o inimigo desta Pátria que juramos defender com a própria vida. Acreditamos nas virtudes do Povo Português, no seu heroismo, na sua abnegação, no seu patriotismo e por tudo isto nem um só momento duvidamos do triunfo final para as Quinas de Portugal.

É nesta hora magnífica que "Chama" completa o seu 2.º aniversário.

Com o pensamento em todas as parcelas do Território Nacional, onde a bandeira ondula ao vento ou onde só tremula nos corações dos fieis, mas que igualmente são nossas, uma só vontade nos move, uma só aspiração nos anima — Para a frente, para a frente por uma Mocidade mais portuguesa, por uma Juventude mais sã que amanhã saiba compreender e continuar a grandeza e o sacrifício desta hora sublime.

« CHAMA »

RAÇA

pelo A. C. C. António Reis Pedroso

A guerra como fera enraivecida
Ruge, tudo esmagando na voragem.
Um preto, desprezando a própria vida,
Defende Portugal com gran coragem.

Cai ferido, contorce-se com dor.
Ninguém para ele olha. E na luta
Só um jovem o vê. E com amor
Chora por ele, ali mesmo o sepulta.

Põe uma rude cruz na terra escura;
E por entre o fragor da luta dura
Eleva aos céus uma prece final.

É que apesar de negro com razão,
Ele era como todos seu irmão
Pois era defensor de PORTUGAL!

O COMISSÁRIO NACIONAL NO NOSSO CENTRO

Ver notícia na página 8

PEDIMOS SOBRETUDO A COLABORAÇÃO DOS RAPAZES — QUE ELES SINTAM, VIBREM E SE ENTUSIASMEM COM AS GLÓRIAS DE ANTANHO

"CHAMA"

OS CENTROS ESCOLARES DA M. P. E DA M. P. F.
EM CASTELO BRANCO

Foi no dia 2 de Junho que retribuimos a visita dos filiados de Castelo Branco.

Acompanharam a nossa representação o Senhor Reitor e Director do Centro Escolar n.º

Duas terras... um só ideal

2, a Senhora Vice-Reitora e Subdelegada Regional da M. P. F. e todos os Dirigentes em serviço no Liceu da Covilhã.

Castelo Branco recebeu-nos com a gentileza e amizade que lhe são peculiares e foram tantas e de tal forma cativantes as deferências com que nos honraram que aqui queremos deixar bem vincado o nosso muito grande e sincero reconhecimento.

No ginásio do Liceu teve lugar uma sessão solene a que presidiu o Dr. Alberto Trindade, Governador Civil substituto.

Estavam presentes o Presidente da Câmara de Castelo Branco, o Delegado Distrital e os Dirigentes de ambos os estabelecimentos de ensino.

Depois dumas breves considerações do Comandante da Ala de Castelo Branco, C. B. Rodrigo J. Ferreira, usaram da palavra a Senhora D. Helena Pitté Arez, Dr. António Romão e, por fim, o Dr. Alberto Trindade.

Durante esta sessão foram entregues as insígnias aos novos chefes de quina e arvorados em comandante de castelo que tinham frequentado, com aproveitamento, os respectivos cursos em Castelo Branco.

O Governador Civil Substituto fez, ainda, a entrega das insígnias de Comandante de Grupo de Castelos ao nosso Comandante de Instrução José Alberto Rolão Bernardo que tinha sido promovido a esse posto em O. de Serviço do Comissariado Nacional no dia anterior.

Seguiu-se um pequeno acto de variedades que foi preenchido por interpretações dos nossos conjuntos instrumental e coral sob a regência do Prof. Rosa Soares e por recitativos que estiveram a cargo de Maria Fernanda Frazão.

Durante o beberete, primorosamente servido, e em que as filiadas da M. P. F. tão bem honraram as suas professoras de culinária, houve uma troca de brindes entre os dois Reitores que enalteceram o significado destas visitas de camaradagem.

António Pedroso
(A. C. C.)

SUBDELEGADO REGIONAL

Depois de uma longa ausência em Lisboa onde esteve em tratamento regressou à Covilhã o Sr. Engenheiro Ernesto de Campos Melo e Castro Subdelegado Regional e Director do Centro Escolar n. 1.

Felicitamos muito sinceramente o nosso Subdelegado pelas suas melhoras e fazemos votos por um breve e completo restabelecimento de Sua Ex.ª, Dirigente dedicadíssimo que há pouco tempo completou 25 anos de serviço na Direcção do seu Centro. Nessa ocasião poude o Sr. Engenheiro Melo e Castro verificar não só o apreço por que é tido na Ala da Covilhã como até o reconhecimento do Comissário Nacional através do louvor com que foi muito justamente distinguido.

Comandante do Centro
C. B. Rolão Bernardo

O Centro tem no C. B. José Alberto Rolão Bernardo o seu Novo Comandante. Esta nomeação do nosso Director vem premiar a dedicação e zelo dum graduado que em pouco tempo se soube impor pelos seus méritos e para o Centro ganhou prestígio que até então desconhecera.

Tendo frequentado o curso de Comandantes de Castelo em 1961 foi o primeiro graduado do C. E. n.º 2 a obter a classificação de «Muito Apto».

Nomeado Comandante de Instrução em Outubro de 1961, promovido a Comandante de Grupo de Castelos em Julho de 1962 o Rolão Bernardo acaba de concluir o curso de Comandantes de Bandeira onde não só conservou a sua anterior classificação de «Muito Apto» mas conseguiu, ainda, um muito honroso segundo lugar.

A acção dispendida pelo C. B. Rolão Bernardo como Comandante de Instrução no ano 1961-62, sem dúvida a melhor época por que até agora passou o Centro Escolar n.º 2, faze-nos antever um brilhante e feliz futuro para as actividades que certamente no desempenho das novas funções irá empreender.

«Chama» felicita o novo Comandante de Centro e agradece ao Rolão Bernardo tudo o quanto fez pelo bom nome do C. E. n.º 2.

Lembramos neste momento as suas palavras ao assumir o Comando de instrução e apraz-nos verificar como soube cumprir sem o menor desvio a linha de rumo que então traçou.

Nesta hora de alegria, e de esperança para todo o C. E. n.º 2 desejamos ao C. B. José Alberto Rolão Bernardo as maiores felicidades.

Corpo Nacional de Escutas

Nos dias 7 e 8 de Julho levou a efeito o Corpo Nacional de Escutas um acampamento de propaganda no lugar da Floresta.

No Fogo do Concelho que decorreu com o maior entusiasmo e animação o nosso centro fêz-se representar pelo seu Director Adjunto, Comandante de Instru-

Nos tempos modernos já não nos admira tal tipo de campismo...

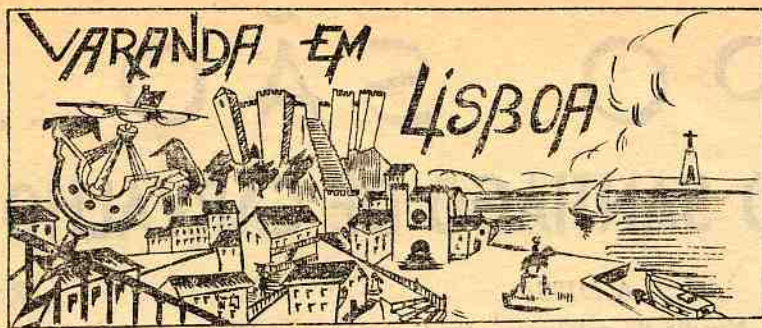
ção e Chefe da Secção de Camaradagem. A representar a «Chama» estava o nosso redactor A. C. C. António Reis Pedroso.

No dia seguinte o acampamento foi visitado pelas autoridades às quais se serviu em seguida um almoço a que assistiram actuais e antigos escutas.

O nosso Director de Centro fez-se representar pelo seu Adjunto A. Q. G. Leite de Castro que estava acompanhado do C. C. José Proença Mendes em representação dos filiados do Centro.

Pela organização do acampamento foram dadas ao Centro Escolar n.º 2 provas cativantes de estima que muitos nos penhoraram.

Assim, não só foi dada a honra ao nosso Dirigente dr. Leite de Castro de acender o Fogo do Concelho, como o Chefe do Núcleo Regional da Covilhã no seu discurso durante o almoço teve para o Centro Escolar n.º 2 palavras de muito apreço e que profundamente nos sensibilizaram.

Este acampamento deixou a todos que tiveram o gosto de o visitar a melhor recordação e muito sinceramente felicitamos os seus organizadores.

Passado o tempo de férias regressa-se a casa e novamente se abre a «Varanda». O Sol, sempre alheio ao passar do tempo e às obras das pessoas, entra e ilumina o que já havia antes da ausência e ainda o que chegou posteriormente: quantos pontos escuros surgem então ante os olhos!... Eis-nos portanto novamente em actividade. Fins, propósitos e vontade: os mesmos de sempre — as ideias não mudaram... e a luta continua.

Recebemos uma visita logo após o nosso recomeçar. Foi nosso hóspede, ainda que por breves momentos, um jovem que em virtude do seu estofo moral e intelectual atingiu o mais alto posto dentro da Organização. A Covilhã também o conhece, em especial os seus graduados. A sua ideologia muito se assemelha à nossa, ou melhor à daquela geração que começou a abandonar seus postos. Causas? Não as queremos apontar, pois são de sobejo conhecidas. Amigos leitores, se nos permitis, registamos as impressões que trocámos com Libertário Viegas.

— Como graduado dos mais antigos, servindo em todos os postos e lugares, podes fazer algumas considerações actuais à nossa Organização.

— A nossa posição terá que ser dura, visto que alguns vão sentir-se visados; ainda que não o façamos intencionalmente, alguns sentirão que fazem parte do grupo a que nos referimos.

Não suscita controvérsia que são necessárias organizações de Juventude que completem a acção formativa da Igreja, Família e Escola e dêem à Sociedade membros válidos. Portanto, justifica-se a existência da Mocidade Portuguesa.

Contudo, talvez que também tenham justificação algumas das reservas e das considerações dos que alinham numa crítica à Mocidade. É que já foram tantas vezes deliberadamente arrumados pelos responsáveis os princípios por que a Organização se rege que nos admiramos que as críticas sejam tão pouco severas.

— Pelo que acabamos de ouvir pensas que os pais estão no direito de nos criticar uma vez que os nossos objectivos essenciais não foram atingidos.

— Mais do que críticas, os pais estariam talvez no direito de dirigir-se à M.P. exigindo-lhe que os esclarecesse acerca da maneira como procura secundar a sua própria acção, e de exigir-lhe um plano de vida de acordo com uma educação actual.

Quando falamos em educação actual, não estamos a referir-nos a algumas formas que proliferam e que originam os epidémicos «meninos bem».

Não subestimamos o desporto, nem o campismo, nem nenhuma das actividades por onde a Organização reparte as suas atenções mas não podemos permitir que se subestimem a psicologia juvenil, a pedagogia e a doutrinação. Ou será que não se escarnece, quase, dos poucos educadores completos que ainda temos? Os homens que são capazes de subir uma serra de um fôlego devem ter as ideias suficientemente arejadas para que possam compreender que o músculo, só, não chega.

— Em teu entender achas que a Juventude deve ou não ser orientada?

— Portugal venceu e vence porque tem uma mística. Portanto, a Juventude tem de ser preparada para servir custe o que custar. E só a servirá na medida em que se identificar com ela, em que a eleger para sua mística. Fazer do músculo o fim é subverter tudo. Não estamos a criticar a atenção que se dedica às actividades físicas da Juventude. Não. Apenas nos choca que homens que se preocupam em compreender os rapazes não só através das suas actividades lúdicas mas, e sobretudo, também através dos seus esquemas mentais, sejam relegados para planos subalternos, em que, cremos, não continuariam mais se defacto não fossem superiores à falta de consideração com que são tratados (tratados ou tolerados?).

— Qual será portanto a missão destinada aos rapazes dentro da Mocidade Portuguesa?

— Muitas vezes, com que mágoa (!), constatamos que para a forma como funcionam certos sectores melhor seria que não existissem os rapazes. É que, parece, são uma entrave ao burocratismo dos ditos sectores.

Contudo, vemos que a sua posição deveria ser de fundamentalíssima importância; a organização é sua.

Acerca do que querem leia-se o que exprimiram nos seus encontros e reuniões.

Numa época em que seria muito mais confortável refastelar-se na praia, vegetar nos casinos ou esquecer-se nos cafés, eles calcorrearam os caminhos de Portugal e foram levar o seu contributo desinteressado aos Encontros.

A sua voz aí ficou. Quem a escutou? A sua obra aí ficou. Quem a compreendeu?

— Pelas tuas palavras vemos a nossa opinião a respeito do que já dissemos sobre os Encontros de Graduados. Como final da nossa conversa não te importas de aprofundar um pouco mais tal assunto.

— Sim. A esse respeito creio que também pensamos o mesmo.

E agora, respondo-te mais detalhadamente, diremos que consideramos os Encontros actividades que como poucas podem mostrar o que somos, o que queremos e no que cremos.

Os Encontros, como, aliás, todas as realizações humanas, terão falhas. Quando participámos na sua organização e Comando nunca nos furtámos a reconhecê-las, publicamente até, se necessário. Contudo acreditamos neles e choca-nos que actualmente não os acreditem os que o deviam e podiam fazer.

Para nós os Encontros, surgidos por vontade dos rapazes — de quem é a Organização — organizados e conduzidos por eles, têm uma tríplice função, que sintetizaremos dizendo que são reuniões de Camaradagem, estudo e meditação.

Descrever das possibilidades e da utilidade actual de actividades deste género só porque o comissariado não pode ou não soube compreender as propostas saídas dos anteriores, não tem, nem lógica nem sèriamente, aceitação.

Não podemos nós reunir-nos sem apresentar conclusões?

Não poderemos nós, apresentando embora conclusões que poderão ser esquecidas, quase sistemàticamente, como as anteriores, reunir-nos para acamaradar? O momento é de luta em todas as frentes nacionais. Pensamos assim que não seria descabido aproveitarem os rapazes para se reunirem e meditarem sobre os problemas da pátria e na adequação dos nossos métodos de acção às exigências do momento.

Prova simultâneamente de afirmação e de consciencialização, seguiriam os Encontros servindo a causa da Juventude, penhor de continuidade de Portugal Eterno.

M. G.

«NADA TENHO PARA DAR SENÃO A MINHA VIDA, QUE ENTREGAREI À PÁTRIA»

dizia Santiago de Carvalho na sua última carta

O P.e José Santiago lendo no acampamento «Tenente Santiago de Carvalho» a última carta de seu Sobrinho

Damão, 13 Dez. 61.

Meu muito querido e inesquecível Padrinho:

Dizia-me há dias numa carta que já faltava pouco tempo para o meu regresso, a menos que... Pois bem, ainda que muito me custe, por saber quanto essa notícia o alarmará e a tristeza que lhe provocará, tenho de lhe dizer toda a verdade. No mesmo sentido, escrevo hoje a todos os meus irmãos, dando a mesma notícia, com maior ou menor realidade. Ao Pe. Zé escrevo uma carta que também ao meu Padrinho, em parte se destina.

A verdade é esta: dum momento para o outro, momento que pode durar minutos, horas ou dias, não se sabe, espera-se a invasão dos nossos territórios da Índia Portuguesa. Porque a luta vai ser tão desigual, dada a grande desproporção de forças, não deixará de ser dura, porque será até ao último cartucho, até ao último suspiro Todos estamos cônscios do que nos sucederá, mas estamo-lo muito mais do dever de Portugueses que se nos impõe.

Estou certo que o meu Padrinho sempre me estimou muito, muito, como um pai. Eu quero assegurar-lhe que o tenho também no meu coração e que sempre lhe dediquei um amor muito especial, como filho. Assim, eu quero, neste momento, em que a realidade se apresenta tenebrosa, mas em que os nossos corações de portugueses nunca dedicaram tamanho amor a Portugal e que por Ele daremos tudo, a vida, para que Ele se continue e continue eterno, eu quero, simultâneamente, agradecer-lhe, bem sincera e veementemente, agradecer-lhe toda a sua dedicação, os seus sacrifícios, o seu Amor, pedindo a Deus que o recompense, já que eu nada tenho para dar, senão a minha vida, que entregarei à Pátria, com o coração em todos vós — mãe, irmãos, sobrinhos e tios mais queridos, em especial, o meu Padrinho. Tudo o que fizer por mim, para além da vida, antecipadamente, lhe agradeço, tanto quanto esse auxílio me será necessário. Espero que possa continuar a ser, na memória, digno do seu Amor e, se possível, motivo de orgulho. Até sempre, querido Padrinho, até quando Deus quiser. Um muito afectuoso abraço do sobrinho que, com muito amor lhe pede a sua bênção, as suas orações, a sua memória.

Alberto

CORPO SÃO...

ACAMPAMENTO SANTIAGO DE CARVALHO

VIDA SÃ...

ACAMPAMENTO VIRIATO

Reportagens de:

C. C. Gomes Forte C. B. Jorge Bruxo

Desenhando o jornal de árvore

Logo a seguir ao acampamento de Belmonte, começamos a preparar o acampamento «Tenente Santiago de Carvalho» que teria lugar, como é tradicional, na Senhora do Carmo, junto à vila do Teixoso.

O Director do Centro nomeou para Director e Subdirector do acampamento os nossos dirigentes Leite de Castro e Bordadágua, respectivamente. O Comando foi entregue ao C. C. José Proença Mendes.

CAMARADAGEM

O acampamento começou a ser montado no dia 25 de Maio. Nem a chuva nem o vento fizeram esmorecer o entusiasmo que a todos animava.

A 26 chegaram os efectivos do nosso Centro e os quarenta filiados da Guarda que tinhamos convidado para acampar connosco.

É esta a primeira nota que nos apraz focar a ligação entre o C. E. n.º 2 da Covilhã e C. E. n.º 1 da Guarda, em volta dos mesmos ideais, convivendo em franca e leal camaradagem.

É assim que se deve viver dentro da Mocidade fazendo para além das Alas e das Divisões uma só família, num só querer e um só sentir.

Se mais nada digno de nota houvesse no acampamento «Santiago de Carvalho», bastava o ele ter dado ocasião para este abraço Guarda-Covilhã para que tivesse valido a pena a sua realização.

Há emoções passageiras, mas há outras que perduram e com o tempo tomam mais consciência. Entre estas eu conservo bem viva a grande satisfação com que vi na Senhora do Carmo os nossos dois centros lado a lado, em homenagem a um herói que tombou em fidelidade à História.

A PRESENÇA DA M. P. F.

A Senhora Subdelegada Regional esteve na Chama da Mocidade e em todas as cerimónias que tiveram lugar no dia seguinte.

A Senhora Dona Judite Fitas da Cunha Martins e as filiadas que a acompanharam não só nos honraram com a sua presença como foram, ainda, ao ponto de nos darem prestimosa e gentil ajuda no arranjo e serviço do almoço.

Neste promenor como em muitos outros damos boa lição de espírito de M. P.

Montagem do Acampamento

A CHAMA

Foi durante a chama que o Subdelegado Regional procedeu à imposição das insígnias aos novos arvorados da Ala a quem dirigiu uma exortação.

A representação da Guarda foi a grande animadora da Chama com as suas canções e os seus gritos tradicionais.

Depois dumas breves palavras do Director do Acampamento e rezadas as orações da noite o silêncio caiu sobre a nossa cidade de lona.

A MISSA

No dia 27 celebrou a Santa Missa o Rdo. Padre José Santiago, Páraco da Freguesia do Paúl e tio do Patrono do Acampamento.

O Assistente Eclesiástico do Centro, Pe. José Baptista Fernandes, proferiu uma vibrante e patriótica homília apontando a todos nesta hora tão grave o exemplo do nosso Patrono.

Assistiram a este piedoso acto muitas pessoas de todas as classes sociais e mais variadas profissões mas em quem o amor e sentimento pátrio é ainda profundamente vincado e conscientemente vivido.

A ÚLTIMA CARTA

As autoridades presentes e muitas famílias dos filiados almoçaram no Acampamento.

No fim do almoço o Rev. Padre Santiago leu a última carta de seu sobrinho, que publicamos neste número na página 3, recebida, já, quando se tinha verificado o ataque indiano.

A leitura desta carta, ouvida de pé por todos, foi sem dúvida o momento mais alto de todo o acampamento.

Era a voz de comando dum herói, era a palavra de ordem do nosso Patrono, era, já, a História a indicar a linha de rumo traçada pelo sangue daqueles que em 800 anos de luta, de sacrifícios sem conta, fizeram e engrandeceram Portugal!

Que bela jornada a deste Acampamento!

Altas lições de camaradagem e de portuguesismo ali se viveram!

Evocando, então, pela última vez o nosso Patrono, prometi a mim mesmo ser-lhe sempre fiel, e servir a Pátria como ele serviu.

Tenente Santiago de Carvalho!

Presente!

A Imposição das insígnias

«Os três grandes...»

ASSIM COMEÇOU

Quatro de Agosto de mil novecentos e sessenta e dois. Nave de Santo António à vista. Tarde de calor e esperança brotante.

Logo que chegámos ao local prèviamente determinado procedemos à montagem do bivaque. Breve se ergueram dez alvas tendas canadianas, tendo ao Centro a da Direcção, e em cada uma das extremidades do hemi-círculo que formavam uma tenda canadiana verde. Numa destas tendas ficou instalado o serviço de material e na outra os serviços de secretaria e culturais.

Terminado este trabalho preliminar e, depois de tudo arrumado convenientemente, comemos os farnéis que cada um levava preparados e em breve a noite chegou e com o seu manto escuro cobriu toda a magestosa paisagem que nossos olhos podiam admirar: o Espinhaço de Cão, o Cântaro Raso, o Poio do Judeu e algumas cercanias destes pontos de referência.

Depois fomos descansar. Alguns vigiavam para maior segurança e sossego de quantos dormiam.

Às sete horas de Domingo, dia imediato, todos os componentes do Acampamento entraram em intensa actividade.

UM SONHO EM MARCHA

Reunir numa mesma actividade os que passaram e os que estão no C. E. 2, proporcionar trabalhos de férias a alguns filiados, preparar os candidatos aos cursos da Escola Nacional de Graduados ,tudo isto tendo como fim último o desenvolvimento da camaradagem dentro dum são ambiente de orientação juvenil—eis o que pensámos que teria sido o sonho da Direcção do Centro, sonho que estava a converter-se em realidade.

Havia participantes desde aqueles que frequentaram o primeiro quinto ano, no Liceu da Covilhã, até aqueles que ainda hoje lá continuam.

O Acampamento foi, deste modo o encontro de várias gerações: relembrar de velhos tempos para uns, conhecer os antigos filiados para outros.

Com acampamentos assim, certo é que se contribuirá para o bom desenvolvimento físico e moral da juventude.

Todos colaboraram nos trabalhos de campo que foram integralmente realizados pelos participantes: ir à lenha, preparar a alimentação, fazer jornais, além de muitas outras actividades campistas.

Foram construídos um refeitório e uma cozinha.

A cozinha era composta de duas bocas com três fiadas de pedra, tendo uma das aberturas protegidas por uma pequena rocha.

O refeitório, construído de tábuas e protegido por um tecto de serapilheira, foi obra de um trabalho persistente do A C. C., Sêco de Oliveira.

A força de vontade pode muito quando dirigida à realização de um intento.

Descascando batatas

A secção de material pintou «in loco» as tabuletas necessárias para uma perfeita sinalização dos serviços e que contribuíram para embelezar o local do acampamento.

Dirigentes, graduados e filiados «velhos» e «novos» confraternizaram de tal modo que os primeiros dias garantiam o êxito do futuro.

O destino, porém, «duro e cruel», foi bem diferente de quanto se poderia esperar.

UM DOMINGO NA NAVE

Não havia no Acampamento Serviço Religioso.

Em tais circunstâncias para que o Acampamento não ficasse só e para dar oportunidade àqueles que quisessem cumprir as suas obrigações de católicos, dividiram-se os filiados em dois turnos: o primeiro iria à Missa à Colónia Infantil; certo tempo depois o segundo iria à Missa à Capela das Penhas da Saúde.

De manhã, antes da partida do primeiro turno, tomara-se o café. O C. C. Proença Mendes preparava-se para pôr à prova os seus dotes culinários e, ajudado pela quina de serviço à cozinha, breve começou a tratar do almoço.

De tarde passeámos pela Nave, vivendo entre o mar de gente que, nesse como, aliás, noutros Domingos de Verão, aflui à Serra para gozar o ar puro da montanha e poder, em contacto com a Natureza, descansar o espírito de lides e canseiras que constituem o meio de grangear o pão de cada dia.

Durante a maior parte deste Domingo o Director do Acampamento A. Q. G. Dr. Leite de Castro esteve no Teixoso para assistir à inauguração de um acampamento de escutas.

O VALOR DOS SÍMBOLOS

Um Acampamento tem, ou deve ter, sempre finalidade superior que não o simples prazer materialista de gozar a vida. Por isso, penso que, entre nós, acampar deve ser sinónimo de educação no campo. Ora, para que essa educação possa ter um norte é necessário que se indiquem certos pontos de referência como símbolos e patronos.

Símbolos que representem para nós um ideal como as Bandeiras Nacional e da MP., que flutuaram no Centro do Acampamento, símbolos como uma Cruz num altar de campo cuja falta neste local é notório salientar, símbolos como a Marcha da Mocidade que entoámos ao içar e arriar das bandeiras—símbolos que evocam ideias que necessário se torna incutir na juventude portuguesa.

Os patronos são exemplos a seguir.

E quem melhor que Viriato seria um exemplo a recordar nos Montes Hermínios? Muito haveria que lembrar de tão valoroso pastor, chefe vitorioso que derrotando as águias romanas, em muito valorizou os lusitanos, nossos avós de antanho.

Tantas lições que se podem tirar, tanto ideal que em nossos peitos pode crescer.

PREPARANDO CANDIDATOS A CHEFES

Poucos dias depois do

CONTINUA NA 6.ª PÁGINA

Corpo são... Vida sã...

CONTINUAÇÃO DA 5.ª PÁGINA

Acampamento terminar seis dos seus componentes iriam frequentar o curso de Graduados na Escola Nacional em Lisboa: o C. G. Rolão Bernardo para o curso de Comandantes de Bandeira; os outros cinco, o Forte, o Baptista, o Marcos, o Esgalhado e o Boga para o curso de Comandantes de Castelo.

Por isso, era necessário que cinco arvorados se preparassem para a prova de aptidão e também, para a frequência dos respectivos cursos.

Recapitularam conhecimentos, aprenderam outros e adestraram o físico e espírito para que o ingresso se fizesse com a consciente disposição de quem sabe para onde vai e aquilo que quer.

ENTRE AS ALEGRIAS HÁ TRISTEZAS

Nasceu um filhinho ao A. Q. G. Dr. Fernando Panarra.

A notícia cresceu e toda a gente se alegrou com o facto. Com efeito o Dr. Panarra é muito estimado como professor e como dirigente da M. P.

E a alegria cresceu mais. Surgiu, porém, uma malfadada ideia: deitar-se um foguete para, assim, mais festivamente se comemorar o nascimento.

Surgiu a infelicidade...

O infortúnio de que, infelizmente foi vítima o Subdirector A. Q. G. José Fernando da Graça Bordadágua veio entristecer todos os filiados e mais tarde todos os seus familiares e conhecidos.

Conduzido ao Hospital da Covilhã foi internado para tratamento.

O Subdirector foi um autêntico exemplo. Foi quem mais animou nossas tristezas e aquele que clamou que o Acampamento continuasse.

E o Acampamento prosseguiu mas, mais fraco do que aquilo que estava planeado e triste como ninguém imaginara.

A «Chama» não crepitou, pois, com tal ambiente, não poderia fazer-se tal como nós a costumamos realizar.

O DIRECTOR DO CENTRO VISITA-NOS

No sábado, dia 11, quis o Snr. Reitor e Director de Centro passar com sua Exma. Família a tarde no nosso Acampamento.

O Snr. Dr. Abrantes da Cunha visitou as nossas instalações, tendo-lhe sido entregues lembranças pelo terceiro aniversário da posse como Reitor e como Director do Centro. A congratulação de todos por data tão festiva foi expressa através de breves palavras do Director do Acampamento e de dois graduados.

Após esta breve mas significativa homenagem, contámos ao ilustre visitante como tinha decorrido a vida do Acampamento, referindo muito especialmente os dois passeios que efectuámos, um à Torre com a subida pela rua dos Mercadores, outro à Varanda dos Pastores seguindo até às Penhas da Saúde.

O Snr. Director de Centro assistiu a algumas competições desportivas e, por fim, jantou com os seus filiados, tendo nesta altura sido felicitado pelo C. G. Joaquim Baptista, primeiro comandante do nosso Centro, e pelo A. Q. G. Dr. Leite de Castro.

Todas estas felicitações foram agradecidas pelo Director de Centro que encerrou a estadia entre nós com as suas palavras de agradecimento e orientação.

À noite algumas pessoas visitaram o Acampamento, entre as quais os Senhores Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal da Covilhã e o Comandante da PSP.

HOSSANA NO MAIS ALTO DE PORTUGAL

No Domingo, último dia de campo, celebrava-se no Covão do Boi a festa em honra de Nossa Senhora dos Pastores. Por tal motivo os escuteiros da Cidade da Covilhã e os filiados da M. P. componentes do Acampamento Viriato deslocaram-se até ao Monumento, onde assistiram à Santa Missa e participaram na procissão cantando bem alto «Glória a Deus nas alturas».

A Virgem esculpida na própria rocha parecia querer com o seu manto protector abraçar Portugal inteiro das mais altas paragens do nosso País, correspondendo às súplicas de quantos participaram em tão singela como comovente festa para honrar a Senhora da Estrela, Guia de Portugal.

FIM DE UMA CAMINHADA

Nesse Domingo, depois do almoço em conjunto com os nossos amigos escuteiros, desmontámos o Acampamento e regressámos à cidade.

Desta maneira se concluiu mais um passo em frente a favor da valorização juvenil.

movimento

LOUVOR

Transcreve-se o louvor do Delegado Distrital dado na O. de Serviço n.º 20 de 25 de

C. C. José Proença Mendes

Julho de 1962 ao C. C. José Proença Mendes:

«Que seja louvado o C. C. José Proença Mendes, pelo espírito de sacrifício, vontade de bem servir e competência que revelou no desempenho das diferentes missões de que tem sido incumbido, nomeadamente na chefia da secção de camaradagem e do Acampamento «Tenente Santiago de Carvalho» do seu Centro e ainda como elemento directivo da Casa da Mocidade.»

ASSIDUIDADE EXEMPLAR

Concluíram o ano lectivo de 1961-62 sem faltas à Instrução os filiados:

1.º CASTELO

CHEFES DE QUINA—António Ferreira Ramalho
António Manuel Camarate de Campos
Jerónimo Alberto Miranda Salvado
João Augusto Oliveira Nunes Correia
Vítor Manuel M. C. Martins
José Augusto S. Mendonça

FILIADOS — Artur N. de Campos
Francisco F. Reis de Matos
Jaime Roque Nunes Vieira
José A. Torgal dos Santos
José Lourenço Soares
José Ramos Duarte
Mário Ferreira Calado
Quirino Agostinho da Silva
Vítor Manuel B. Forte

2.º CASTELO

FILIADOS—Carlos Manuel Pereira Gouveia
Ildefonso Pires Marques
João Pinto Geraldes
José Rui Rabaça Alves
Rui Manuel Gama Mota

3.º CASTELO

CHEFES DE QUINA—Alexandre Conde Sá Lima
Manuel de Jesus Duarte
João Fernandes Chendo

4.º CASTELO

CHEFES DE QUINA—António Luís Esteves Gil
José Armando Rolão Solano
Luís Filipe Carreira Rosa
Vítor M. da Silva Boucho

DIRECÇÃO DE INSTRUÇÃO

Foi há sete anos que o A. Q. G. Leite de Castro assumiu, interinamente, as funções de Director de Instrução para que foi, posteriormente, nomeado pela O. S. n.º 6, de 1958.

Durante este longo período foram fundados no Centro os Cursos de Chefes de Quina e de Arvorados e vinte e dois destes passaram a graduados.

As actividades de Campo mereceram ao A. Q. G. Leite de Castro especial atenção.

Tem-se notado um crescente interesse pelo campismo no C. E. n.º 2 que em 1962 culminou com a realização de três grandes acampamentos.

Para o lugar de Director de Instrução foi agora nomeado o A. Q. G. José Fernando da Graça Bordadágua, o mais dedicado e zeloso colaborador do A. Q. G. Leite de Castro de quem foi Adjunto e a quem o Centro tanto deve.

A. Q. G. José F. Bordadágua

Estamos certos que nesta hora do render da guarda podemos contar inteiramente com os dois dirigentes — o A. Q. G. Leite de Castro continuará como Director Adjunto do Centro, a ser o natural elo de ligação do Comando com a Direcção e o A. Q. G. Bordadágua não esquecendo a lição destes sete anos tudo há-de fazer para que o centro caminhe mais e melhor rumo a um futuro glorioso.

PASSATEMPO

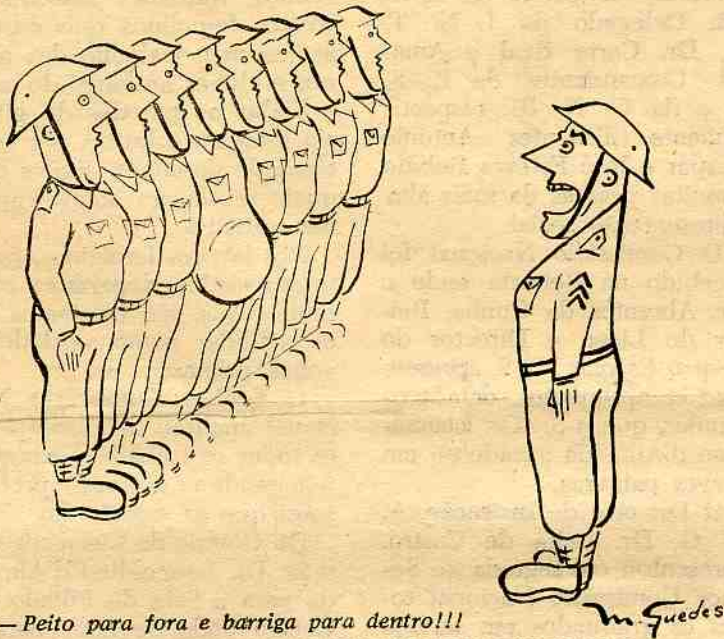
A.³B.

Para o amigo Zé Cabeça-Pequena

Ó amigo, não acha, olhe que
tem graça,
tem piada, sim senhor, até
parece chalaça
que no lugar da cabeça
lhe tivessem posto uma cabaça.

Provérbios

— Não deixes para o fim do ano o que podes fazer nas férias de ponto

— Quem quer vai, quer não quer manda... intermediários (e arranja uma cunha na mesma...)

— Peito para fora e barriga para dentro!!!

Crónica muito crónica

I

Nos fins de Agosto foi enviado para o espaço um foguetão para ver se Vénus ainda está tão gira como nos velhos tempos. Sabe-se também que o foguetão atingirá o fito em meados de Dezembro.

Se um pobre foguetão leva cerca de quatro meses para chegar à deusa do amor, ainda há quem creia no amor à primeira vista...

II

Dizem que está qualquer *coisa* afixada no átrio do Liceu e que diz assim:

«Todos os empregados do Ministério da Educação Nacional deverão sempre considerar que é sua obrigação atender o público com a maior solicitude e prontidão, devendo todos considerar que são eles que estão ao serviço do público e não este às ordens deles».

Naquele «público» também estarão incluídos os alunos?

III

Na arena o toureiro cravou pares de bandarilhas e à saída do espectáculo a mulher (ali na loja mesmo em frente) cravou-lhe uns pares de sapatos...

RONDA DA CIDADE

DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS

Procede-se em toda a cidade a escavações. É que há cerca de um mês ao reparar-se uma fuga de água descobriu-se um cano do tempo do pai Adão. Agora arrancam-se todos os antigos e põem-se novos, pois o conhecido arqueólogo Ku V. I. Lhanense afirmou que a rede de distribuição de água à cidade data do ano 3 000 A. C.

A PORTA DO LICEU

Estamos já no tempo em que não se pode estar quietinho em frente do Liceu, é preciso fazer qualquer coisa como andar dois metros para trás e dois para diante e tomar o ar mais natural deste mundo, senão aparece a voz da autoridade:

— É proibido estacionar aqui parado!

FORMIDAVEL!

Tinha um cão tão vádio, tão vádio que acabou por prendê-lo em casa com uma corrente de ar. Remédio santo, pois o cão nunca mais saiu — morreu com uma pneumonia...

Caras e casos do último número

(Ver o número 10)

2.ª página

RUMO AO CAMPO

O Bordadágua de pé no topo do Cântaro Magro aflito:

— Alô! Alô! Aqui Bordadágua! Aqui Bordadágua! Estou à rasca! Não dou com o caminho para casa. Mandem um táxi!

3.ª página

1.ª GRAVURA

Sabem o que significava naquele tempo aquele gesto que o Camões faz com o braço? — TRANSITO PROIBIDO...

9.ª página

1.ª GRAVURA

As meninas têm uma certa tendência para as esquerdas... do leitor (salvo seja).

3.ª GRAVURA

Está muito bem que «Unidos continuaremos Portugal», mas essa coisa de disputar o rapaz é que não está certo.

10.ª página

MOVIMENTO — C.C. Jorge Ferreira.

Tão «boneco»! Olha lá, já mandaste a fotografia para a PLATEIA?

12.ª página

3.ª GRAVURA

Diz a cantiga« Sem chapéu não cai nenhuma». Por isso levou Barrete; resta saber se caiu alguma.

ANEDOTAS

Mister Smith chegou incógnito ao aeroporto da Portela vindo de Nova Iorque. Olhou o relógio de parede — 6 horas. Consultou o relógio de pulso — 1 hora.

Um sorriso trocista assomou aos lábios do Sábio americano e comentou:

— Ora estes portuguesitos com a mania de andarem mais adiantados do que os outros...

= =

NA PESCA:

— Há bocado iscou no anzol um peixe enorme, deste tamanho... mas caiu outra vez na água.

— E depois?

— Bem, depois... concerteza que se afogou.

= =

— Vai ver que horas são no relógio de sol.

— Agora à noite.

— Olha que coisa — leva uma pilha.

= =

O EDITOR — Foi você quem escreveu este poema?

O POETA — Linha a linha.

O EDITOR — Estou satisfeito por o encontrar, Sr. Luís de Camões! Pensava que tivesse morrido há muito tempo.

ANÚNCIO

Roubaram o pintanço de amarelo do Pelourinho. Dão-se alvíssaras a quem caçar o ladrão.

Aventuras e desventuras de A.³B.

PERGUNTAR... POR PERGUNTAR

Queixam-se os velhotes de que a mocidade anda destrambelhada:

— Ai! no meu tempo não era assim...

Experimentem por um ovo de peixe dentro de um frasco de vinho. Se acaso o peixe nascer, terá ele culpa de nascer bêbado?...

— Quando será que o autor desta página coordenará o «material» de maneira a fazer «passar menos tempo» ao paginador?

O COMISSÁRIO NACIONAL

VISITOU O NOSSO CENTRO

ONDE INAUGUROU A EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS ESCOLARES

O MOMENTO INAUGURAL

No dia 3 de Junho o Comissário Nacional da Mocidade Portuguesa honrou-nos com a sua visita e presidiu à inauguração da Exposição dos Trabalhos Escolares.

Acompanhava o Senhor Doutor Leopoldino d'Almeida sua Esposa e o Assistente do Quadro Geral António da Silva Moura.

Aguardava o Comissário Nacional o Director do Centro e Adjunto, a Subdelegada Regional da M. P. F., professores do Liceu e uma longa representação de filiados sob o comando do C. G. José Alberto Rolão Bernardo.

Entre estes filiados contavam-se os novos Arvorados e Chefes de Quina para quem o Sr. Comissário Nacional teve uma palavra especial de parabéns e estímulo. Estavam, igualmente, presentes o Vice-Presidente da Câmara, Dr. Vítor Pires Marques, Padre José Andrade, Arcipreste da Covilhã, Delegado do I. N. T. P., Dr. Corte Real e Amaral, Comandantes da P. S. P. e da G. N. R., respectivamente Tenentes António Gaspar e José Esteves Robalo e muitas pessoas da mais alta representação social.

O Comissário Nacional foi recebido na Reitoria onde o Dr. Abrantes da Cunha, Reitor do Liceu e Director do Centro Escolar N.º 2, apresentou cumprimentos de boas-vindas, que o Sr. Dr. Leopoldino d'Almeida agradeceu em breves palavras.

O Director de Instrução, A. Q. G. Dr. Leite de Castro, apresentou em seguida ao Senhor Comissário Nacional todos os graduados em serviço no Centro e os novos Arvorados e Chefes de Quina que tinham recentemente concluído os seus cursos.

Depois de uma troca de impressões sobre a Instrução Geral do Centro o Sr. Dr. Leopoldino d'Almeida acompanhado das autoridades presentes dirigiu-se ao ginásio do Liceu a fim de inaugurar a Exposição de Trabalhos Escolares.

A exposição constava de desenhos, trabalhos manuais e lavores femininos que representavam o trabalho dos alunos e alunas ao longo do ano.

Todas as paredes do ginásio estavam cobertas por centenas de desenhos, alguns dos quais revelavam notável aptidão artística.

Nos lavores femininos, muito apreciados, deparámos com muitos que não hesitamos de os apelidar como verdadeira «obra prima».

O Senhor Comissário Nacional analisou detalhadamente todos os trabalhos expostos felicitando os autores e professores que os orientaram.

Do Ginásio do Liceu seguiu, o Sr. Dr. Leopoldino d'Almeida para a Sala do Filiado do Centro onde de novo entrou em contacto mais directo com os dirigentes e filiados do C. E. N.º 2 tendo mostrado o maior interesse pelos seus problemas e aspirações.

Para a «Chama» teve o nosso Comissário Nacional palavras de muito estímulo e apreço que calaram fundo no espírito de todos.

João Manuel Martinho (A. C. C.)

UM ASPECTO DA EXPOSIÇÃO